

# General quer manter papel dos militares

O comandante da Escola Superior de Guerra, general Euclides de Oliveira Figueiredo Filho, em pronunciamento feito ontem, na Ordem dos Advogados do Brasil, advertiu que a destituição, no texto constitucional, das Forças Armadas como elemento garantidor da segurança interna “não retira a possibilidade de as Forças Armadas realizarem um golpe contra o Governo...”

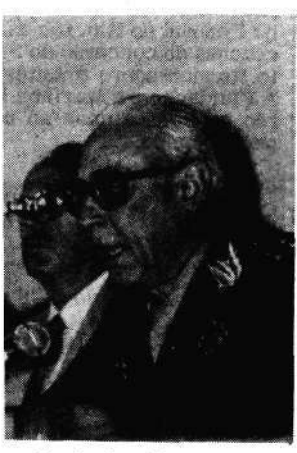
Afirmou, contudo, que “não tem cabimento o temor de uma ação tuteladora por parte dos militares sobre o poder civil, porque não há tal pretensão. E isso se deve ao espírito genuinamente democrático dominante em nossas fileiras”.

Mas, insistiu o general, “é fundamental que a próxima Constituição mantenha a destinação tradicional de nossas Forças Armadas” (garantir a segurança interna). E é fundamental, afirmou, “não para o benefício das Forças Armadas, é fundamental para o Brasil”.

Afinal, voltou a advertir o comandante da ESG, mais à frente, “nada nos autoriza a supor que grupos radicais internos não venham no futuro, quando frustrados pelo voto, a iniciar o conflito armado, recorrendo a técnicas de terror e aos processos de guerrilhas”.

Não se pode esquecer também, continuou o general, “o fato de ser comum hoje, quando surge a guerrilha em países fronteiriços, o homizido dos guerrilheiros no país vizinho, não raro acabando por contaminar ideologicamente as populações em contato e exportando a guerrilha”.

O comandante da Escola Superior de Guerra, que defendeu a inclusão, de forma explícita, dos Objetivos Nacionais Permanentes no texto constitucional, e, já na fase dos debates, rebateu a afirmação do jornalista Carlos Chagas, de que o poder foi usurpado pelos militares em 1964, com o argumento de que, “em 1964, o que houve foi uma reação do povo brasileiro, foi o povo brasileiro que levou as Forças Armadas a fazerem isso”. E, ao ouvir que as medidas de emergência, embora mais suaves que o Estado de Sítio, não são democráticas, porque “estão na Constituição sem que o povo as tenha colocado lá”, o general concluiu: “Isso não interessa”.



Euclides Figueiredo